

# A SIGLAGEM NA TEORIA MORFOLÓGICA CONTEMPORÂNEA

Bruno Cavalcanti LIMA<sup>1</sup>

(Instituto Federal de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro)

**Resumo:** *Este artigo tem o propósito de mostrar que o estudo do siglagem vem ganhando destaque na morfologia contemporânea. Conforme será discutido nas duas seções que compõem o artigo, as siglas, embora ainda sejam consideradas irregulares e assistemáticas por alguns autores, são também descritas como regulares e previsíveis de acordo com abordagens que não se apoiam exclusivamente no conceito de morfema.*

**Palavras-chave:** *Morfologia; Siglagem; Formação de palavras.*

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos a visão de morfólogos a respeito do fenômeno da formação de siglas nas línguas naturais. Apresenta-se, primeiramente, uma visão geral do que afirmam Aronoff (1976), Aronoff & Anshen (1998), Aronoff & Fudeman (2005), Booij (2007), Bauer (2003), Haspelmath (2002), Štekauer (1998), Stockwell & Minkova (2001) e Fandrych (2004). Por fim, destacam-se as análises de Plag (2003) e Fandrych (2008), por serem mais aprofundadas no que concerne ao processo em estudo. O objetivo maior do artigo é discutir o lugar do processo Siglagem na morfologia, já que muitos autores, como veremos na sequência, excluem esse mecanismos do rol dos processos de formação de palavras efetivamente considerados morfológicos.

Aronoff (1976) situa a formação de siglas como um processo marginal ao afirmar que a Siglagem não constitui um traço universal da linguagem e que forma palavras sem estrutura interna reconhecível, o que acaba por torná-las incomuns e opacas. O autor, todavia, não explicita se o processo está ou não no escopo da morfologia.

Aronoff & Anshen (1998) definem processos como o cruzamento vocabular (saco + picolé = sacolé, exemplo nosso para o português) e a formação de siglas como morfologia improdutiva. Os autores, assim abrangendo processos marginais de formação de palavras, ampliam a noção de improdutividade. Dessa maneira, a morfologia improdutiva, conforme Aronoff & Anshen, é uma forma de criação vocabular e abrange também o que é opaco e intencional.

Aronoff & Fudeman (2005) postulam que a formação de siglas é um processo artificial, externo ao fenômeno geral da formação de lexemas, uma vez que depende da ortografia e não da pronúncia. Esse fato evidencia que os autores compreendem que o processo de formação de siglas está fora do âmbito da morfologia.

Para Booij (2007), há outros modos de criação de unidades lexicais, não sendo o sistema morfológico de uma língua sua única fonte de palavras complexas. Há os processos ditos

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras Vernáculas. Professor Adjunto do IFRJ. E-mail: [bcavalcantilima@gmail.com](mailto:bcavalcantilima@gmail.com)

## A siglagem na teoria morfológica contemporânea

canônicos (derivação e composição) e processos considerados de criação vocabular que identificam as diversas formas que a língua apresenta para criar palavras.

Bauer (2003) enfatiza a ideia de que há formas de criar novos lexemas que dependem da existência de um sistema de escrita e, como nem todas as línguas apresentam registro escrito, essas formas não são universais.

Haspelmath (2002), postulando que a morfologia é “o estudo da covariação sistemática entre a forma e o significado das palavras” ou o “estudo da combinação de morfemas na produção de palavras” e compreendendo morfema como “o menor constituinte significativo que pode ser identificado em uma palavra” (HASPELMATH, 2002: 3), exclui os processos de formação de palavras não-morfêmicos, como as siglas, do escopo da morfologia. Dessa forma, estabelece diferenças entre operações que são próprias da morfologia (processos de formação de palavras) e operações que podem criar novas palavras (processos de criação de palavras). O autor defende que palavras novas que são produtos de criação vocabular não apresentam características do tipo que possam ser reconhecidas pelos falantes.

Štekauer (1998) nota que linguistas diferem em suas opiniões quanto a decidir se questões relativas à formação de palavras devem se restringir à afixação, deslocando a composição para a sintaxe, e se processos não-morfêmicos devem ser incluídos na teoria de formação de palavras. Para o autor, formações não baseadas em morfemas devem ser excluídas das abordagens de formação de palavras.

Alguns autores admitem que acrônimos e *blends* (cruzamentos vocabulares) são classificados como subtipos de um ou de outro. Stockwell & Minkova (2001) definem acrônimos como um tipo especial de *blends*, pois, para eles, o acrônimo típico toma o primeiro som da forma de cada uma das palavras-base e constrói uma nova palavra com aqueles sons iniciais. Se a palavra gerada for pronunciada como qualquer outra palavra, trata-se de um acrônimo verdadeiro. Muitas vezes, no entanto, para gerar um acrônimo pronunciável, não se tomam apenas os sons iniciais, mas, por exemplo, a primeira consoante e a primeira vogal simultaneamente, como ocorre em *Sudene*, para *Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste*. Por esse motivo, Stockwell & Minkova (2001) afirmam que formações desse tipo estão no meio do caminho entre *blends* e acrônimos.

Fandrych (2004) estabelece que o processo de formação de palavras não-morfêmicas é definido como um mecanismo que forma palavras cujas bases não são morfemas, isto é, que emprega, pelo menos, um elemento que não é um morfema. Esse elemento pode ser, no caso da formação de acrônimos, parte de uma sílaba ou uma letra inicial, por exemplo.

Nas próximas seções, apresentaremos as análises de Plag (2003) e de Fandrych (2008), destacadas por conterem informações mais aprofundadas sobre o fenômeno em estudo.

### 1. A ANÁLISE DE PLAG (2003)

Plag (2003) faz comentários sobre abreviações e acrônimos em seção destinada ao estudo de processos de formação de palavras no âmbito da Morfologia Prosódica. A Morfologia Prosódica, segundo o autor, trata da interação das informações morfológicas com as prosódicas na formação de palavras complexas. Nessa seção, o autor analisa fenômenos como o truncamento (*discotheque* > *disco*), os *blends* (cruzamentos vocabulares: *boat* + *hotel* = *boatel*) e, em uma análise conjunta, as abreviações e os acrônimos.

Como já mencionado, Plag analisa conjuntamente abreviações e acrônimos. Para ele, abreviações são siglas soletradas, como *EC* (*European Community*), ou abreviações simples, como

*kHz* (*kilohertz*), e acrônimos são siglas que podem ser lidas como palavras regulares, tal como ocorre em *Nato* (*North Atlantic Treaty Organization*). Dessa forma, quando o autor tratar de algo que valha, simultaneamente, para abreviação e acrônimo, usaremos, para efeito de simplificação, o termo “sigla”.

O autor estabelece que as siglas têm natureza similar aos *blends*, porque ambos são fusões de diferentes partes de palavras. Ademais, afirma que siglas, por requererem perda de material, possuem algo em comum com truncamentos e *blends*, mas diferem desses dois processos, uma vez que, em truncamentos e *blends*, as categorias prosódicas exercem papel de destaque. Em vez disso, nas siglas, a ortografia ganha proeminência.

De acordo com Plag, as siglas são mais comumente formadas tomando letras iniciais de várias palavras em sequência para formar uma nova palavra, como ocorre em *BA* (*Bachelor of Arts*). Além de palavras compostas por letras iniciais, podem-se também encontrar siglas que incorporam letras não iniciais, como se nota em *BSc*, para *Bachelor of Science*.

A grafia e a pronúncia das siglas, embora pareçam triviais, oferecem, conforme o autor, perspectivas interessantes a respeito das propriedades formais dessas construções. A formação *ASAP* (*as soon as possible*), por exemplo, pode ser grafada com letras maiúsculas, com letras minúsculas (*asap*) e com letras minúsculas e pontos (*a.s.a.p.*). No que se refere à pronúncia, pode ser soletrada, pronunciada como palavra regular ou, ainda, ter as palavras abreviadas pronunciadas.

Segundo Plag, se desprezarmos os casos em que as siglas (ou abreviações) desencadeiam a pronúncia regular das palavras abreviadas (a.s.a.p., e.g., etc.) e ignorarmos o uso ou não uso de pontos, essas formações podem ser agrupadas de acordo com duas propriedades: ortografia e fonologia. Elas podem ser escritas em letras maiúsculas ou minúsculas e podem ou ser pronunciadas através da nomeação de cada letra (o chamado alfabetismo<sup>2</sup>, como em *USA* [ju.ɛs.'ej]) ou como uma palavra normal (por exemplo, *Nato* [nej.tow]). Nesse último caso, a formação é chamada, como já informado, acrônimo. O quadro abaixo, em 01, retirado de Plag (2003: 163), sistematiza essa observação:

Grafia	Pronúncia	Exemplo
Maiúsculas	Alfabetismo	CIA <sup>3</sup>
Maiúsculas	Acrônimo	Nato
Minúsculas	Alfabetismo	e.g.
Minúsculas	Acrônimo	Radar

Tabela 1: Alfabetismos e acrônimos

Plag chama a atenção para o emprego de letras maiúsculas em acrônimos. Conforme o autor, são empregadas, geralmente, letras maiúsculas na formação de acrônimos, o que pode ser interpretado como um dispositivo formal que claramente liga o acrônimo a sua palavra base.

<sup>2</sup> Plag chama de “initialism” o que traduzimos como “alfabetismo”. Como, na prática, o “initialism” refere-se a siglas soletradas, aproveitamo-nos da nomenclatura já proposta por Abreu (2009) para essas formações.

<sup>3</sup> *CLA*, em inglês, significa *Central Intelligence Agency* e é uma sigla considerada alfabetismo pelos falantes de língua inglesa. Em português, entretanto, essa formação é compreendida como acrônimo e é traduzida como *Agência Central de Inteligência*.

## A siglagem na teoria morfológica contemporânea

Algumas palavras que se originaram historicamente como acrônimos são, hoje em dia, não mais escritas com letras maiúsculas e, para a maioria dos falantes, essas formas não estão mais relacionadas com as palavras que lhes deram origem (por exemplo, *radar*: *radio detection and ranging*).

Além disso, Plag ressalta a questão fonológica na produção dessas formações. Como são pronunciados como palavras regulares, os acrônimos, de acordo com o autor, devem obedecer aos padrões fonológicos do inglês, a fim de que não sejam produzidas palavras agramaticais do ponto de vista fonológico. Por exemplo, uma abreviação como *BBC* é um candidato improvável para um acrônimo, porque [bbk] ou [bbs] constituem combinações ilegais de sons em inglês. Plag, porém, salienta que, às vezes, falantes conseguem gerar siglas pronunciáveis, ou seja, criam acrônimos. Isso, segundo ele, parece ser especialmente popular na nomeação de conferências linguísticas, como ocorre em *Nwave* ([Enweyv]: *New Ways of Analyzing Variation in English*) e em *Srlf* ([srlrf]: *Second Language Research Forum*).

Plag aborda, além disso, a produção de acrônimos homófonos. Para ele, às vezes, siglas são formadas de tal maneira a produzir não só palavras pronunciáveis (acrônimos, por exemplo), mas também palavras que são homófonas de palavras já existentes. Isso, de acordo com o autor, é feito por razões de *marketing* ou publicidade, especialmente nos casos em que a palavra homônima tem um significado que é destinado a ser associado com o referente do acrônimo. Como exemplos, Plag cita *Care* ('cuidado') (*Cooperative for Assistance and Relief Everywhere*) e *Start* ('comece') (*Strategic Arms Reduction Talks*).

Para enfatizar a relevância da formação de acrônimos homófonos em questões estratégicas, Plag afirma que a formação *Start*, em particular, é interessante, porque foi inventada não apenas como uma palavra para se referir a um tratado de desarmamento previsto entre os Estados Unidos e a União Soviética, mas foi, presumivelmente, também cunhada para evocar a ideia de que o lado americano teve a intenção de fazer um esforço novo e grave em negociações de desarmamento com a União Soviética em um momento em que muitas pessoas duvidavam da disposição do governo dos Estados Unidos em querer seriamente o desarmamento. Um bom (e recente) exemplo desse mecanismo em português é a formação *Crer*, que significa *Comitê de Reconforto Espiritual e Religioso*, comissão que tem a finalidade de dar assistência espiritual a pacientes do *Into* (*Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia*), hospital público federal situado na cidade do Rio de Janeiro. O verbo "crer", como se sabe, relaciona-se, muitas vezes, à ideia de religiosidade e de espiritualidade, o que evidencia, portanto, o caráter intencional e estratégico presente em muitas formações acronímicas. Outro exemplo bastante recente deu-se com a criação de um novo partido político cujo acrônimo é *Pros* (*Partido Republicano da Ordem Social*). A palavra "pró", como se sabe, significa "favorável" e é usada normalmente no plural em oposição a "contra" ("prós e contras"). O acrônimo pelo qual o partido é conhecido, então, sugere apenas pontos favoráveis, dando a ideia de que votar no *Pros* é sempre positivo. Fica claro, mais uma vez, o caráter intencional que existe em diversas formações de acrônimos.

Plag conclui seu texto, asseverando que existe uma série de processos de formação de palavras que não envolvem afixos como seu principal ou único meio de formar palavras a partir de outras palavras ou de morfemas. De acordo com o autor, o inglês tem um inventário rico de processos não-concatenativos, incluindo a conversão, o truncamento, o *blend* e a formação de siglas e acrônimos. Plag postula que, apesar da impressão inicial de irregularidade desses processos, uma vasta gama de sistemáticas restrições estruturais pode ser determinada. Tal como acontece com a afixação, essas restrições podem fazer referência a propriedades semânticas, sintáticas e fonológicas das palavras envolvidas e são altamente regulares por natureza.

## 2. A ANÁLISE DE FANDRYCH (2008)

Para Fandrych (2008), acrônimos consistem em letras iniciais de palavras ou expressões longas. A autora assevera que nem todas as iniciais da expressão longa são empregadas na formação acronímica. Palavras gramaticais (relacionais, como a preposição, por exemplo) tendem a ser ignoradas, a fim de que a sigla se mantenha gerenciável. A autora salienta, ainda, que, diferentemente de todas as palavras formadas por outros processos não-morfêmicos, uma característica que define as siglas é o fato de serem formadas na modalidade escrita<sup>4</sup>.

Fandrych afirma que há siglas que não empregam todas as iniciais das bases disponíveis, como, por exemplo, *Esprit* (*European Strategic Programme for Research and Development in Information Technology*), ou casos em que letra(s) é/são adicionada(s) ou, até mesmo, casos em que sílabas são utilizadas, a exemplo de *Soweto* (*South-Western Townships*). A autora ressalta, também, que a ordem das letras em um acrônimo, ocasionalmente, pode ser invertida em favor da pronúncia e da homonímia. Como exemplo, cita *Mishap* (*Missiles High-Speed Assembly Program*), em que o <S>, que deveria estar posposto ao <H>, aparece antes dessa letra, formando uma palavra traduzida como *acidente*.

Fandrych salienta, além disso, que a criatividade desempenha importante papel na formação de algumas siglas, afirmando que acrônimos nunca decorrem de lapsos e são produzidos conscientemente. Comenta, ainda, que existem intenções irônicas como força motriz por trás de algumas reinterpretações jocosas, tal como ocorre em *Fiat* (*Fix it again, Tony*, em vez de *Fabbrica Italiana di Automobili Torino*).

Conforme a autora, siglas comportam-se como lexemas normais, ou seja, podem ser flexionadas. Para ela, uma vez que uma sigla se tornou uma palavra, não há razão para não tratá-la como tal, acrescentando-lhe um sufixo plural. Ademais, assevera que siglas podem tornar-se bases de novas formações, ou seja, podem gerar palavras derivadas. Como exemplos, cita *CD-Rom joint venture* (composição), *Un-PC* (prefixação) e *OK-ness* (sufixação), entre outros.

Fandrych comenta que pode existir, muitas vezes, por parte do usuário, desconhecimento do significado pleno da sigla. Isso fica evidente em construções como “programa *Pesp* (*Pre-Entry Science Programme*)”. A repetição pleonástica de um elemento da sigla é, segundo ela, uma clara indicação de que os falantes não estão cientes da expressão subjacente que serviu de base para a sigla. Em português, por exemplo, é comum a expressão “cadastro no *CPF*”, que significa *Cadastro de Pessoas Físicas*.

Sobre as “iniciais”, que são elementos de construção dos acrônimos, Fandrych argumenta que representam palavras inteiras, isto é, estritamente falando, não são “unidades significativas”. A autora postula que essa “independência” da sigla, talvez, permita que os usuários da língua formem lexemas criativos, o que pode levar à perda comum de motivação primária, abrindo, dessa forma, portas para a homonímia, a reinterpretação e a ironia.

Em processos como a formação de acrônimos, de *blends* (cruzamentos vocabulares) e de *clippings* (truncamentos), os morfemas não desempenham papel de destaque. Para a análise desses processos de formação de palavras, precisa-se, de acordo com Fandrych, de conceitos abaixo do nível de morfema. A autora defende que esses processos fazem uso de uma gama de elementos

---

<sup>4</sup> Cabe ressaltar que, em sua análise, Fandrych emprega apenas o termo acrônimo, seja para formações que podem ser pronunciadas como palavra ou para formações soletradas. Isso significa que, para a autora, sigla e acrônimo são sinônimos.

## A siglagem na teoria morfológica contemporânea

submorfêmicos, que, no caso da formação de siglas, são as “iniciais”. Na análise desses processos, portanto, é necessária uma abordagem mais flexível do que a análise baseada em morfemas.

Os acrônimos, os *blends* e os *clippings*, conforme Fandrych, têm desfrutado de elevada produtividade em inglês nas últimas décadas. É claro que, em registros mais formais, essas formações nem sempre são bem aceitas, ou seja, são marcadas estilisticamente. Na mídia, na publicidade e na tecnologia moderna, no entanto, elas têm-se estabelecido fortemente. Na observação dessas formações, é necessário, segundo a autora, ir além de uma análise apenas estrutural e levar em conta usos relacionados a aspectos sócio-pragmáticos e textuais.

Como se percebe, o lugar das siglas nos estudos linguísticos não está bem definido. Para a maior parte dos teóricos arrolados neste artigo, as siglas não se inserem na morfologia; para alguns, inserem-se nesse âmbito, embora de modo especial. A maioria dos autores considera a formação de siglas como um mecanismo de renovação lexical, mas não um recurso morfológico. Abreu (2009) afirma que, se o processo não está inserido na morfologia, o candidato é o léxico.

Neste artigo, defendemos que a Siglagem constitui, de fato, um processo morfológico, devendo ser inserida, inclusive, na lista dos processos não-concatenativos de formação de palavras. Conforme já exposto na introdução, argumentamos que acrônimos têm estatuto de palavra fonológica, pelo fato de se ajustarem aos padrões segmentais e prosódicos de qualquer palavra da língua no que diz respeito à sílaba, a acento, à qualidade da vogal, à formação de epêntese, à formação de ditongos, entre outros processos. Por serem palavras fonológicas que se submetem aos mesmos processos das palavras comuns, sem dúvida alguma o estatuto de palavra morfológica é mais óbvio.

No que tange aos alfabetismos, postulamos que essas construções também têm estatuto de palavra morfológica, uma vez que, muitas vezes, exercem papel de raiz em outras operações morfológicas. Dessa maneira, em uma construção como *pejoteiro* (“termo informal empregado por jovens católicos para designarem os membros da *PJ: Pastoral da Juventude*”), observa-se o acréscimo do sufixo *-eiro* a uma raiz (*pejot-*), caracterizando o processo da derivação sufixal. Essa raiz, como já mencionado, provém do alfabetismo *PJ (Pastoral da Juventude)*, fato que evidencia que alfabetismos, por não serem pronunciados como palavras da língua, não podem ser compreendidos como palavras fonológicas, mas, por serem construções que, muitas vezes, servem de base para outras formações, devem ser, de acordo com esta análise, entendidos como palavras morfológicas.

Gonçalves (2012: 2) estabelece que existem “formas criadas *ex nihilo* (‘do nada’), sem ativação de qualquer processo morfológico, as chamadas criações de raiz”. No que se refere aos alfabetismos, defendemos que também sejam, pelos argumentos explicitados acima, criações de raiz, embora não sejam construções geradas “do nada”, pois há uma motivação linguística e intencionalidade por parte de quem os produz. Para efeito de exemplificação, citam-se as palavras *petelbo* (*PT + pentelbo*, para designar o “eleitor chato do *PT*”) e *nepetismo* (*PT + nepotismo*, o “nepotismo praticado pelo *PT*”), cruzamentos vocabulares que são produzidos com o alfabetismo *PT (Partido dos Trabalhadores)*. Como pode notar, os alfabetismos, pelo fato de se envolverem em processos diversos de formação de palavras, devem ser compreendidos como construções de raiz ou como palavras morfológicas.

Interessante ressaltar que, no nível da formação resultante (forma morfológicamente complexa), alfabetismos, por constituírem raízes, acabam projetando, com o elemento com que se combinam, uma única palavra fonológica, embora não o sejam quando usados sozinhos. Por exemplo, *PT* é um alfabetismo, mas, em *petista*, a sequência *pet-* comporta-se rigorosamente da

mesma maneira que a raiz *golp-*, em *golpista*. O mesmo raciocínio é válido para *petelbo* e *nepetismo*, equivalente, em termos segmentais e prosódicos, às formas com que a sigla se funde: *pentelbo* e *nepotismo*.

Dessa maneira, pelos argumentos expostos, defendemos que o lugar da Siglagem é no âmbito da morfologia: os acrônimos constituem palavras fonológicas, não diferindo em nada das palavras comuns; os alfabetismos são palavras morfológicas e constituem casos de criações de raiz. No nível da palavra complexa, deixa de existir diferença entre acrônimos e alfabetismos, conforme se observa nos exemplos a seguir:

	ACRÔNIMOS <sup>5</sup>		ALFABETISMOS
<i>CUT</i>	[ˈku.tʃɪ] >> cutista	<i>PDT</i> <sup>6</sup>	[ˈpe.ˈde.ˈte] >> pedetista
<i>Uerj</i>	[u.ˈɐ̃.ʒɪ] >> uerjizar	<i>CPF</i>	[ˈse.ˈpe.ˈɛ.fi] >> cepeefizar
<i>Iurd</i>	[iˈu.ɾ.dʒɪ] >> iurdibriar <sup>7</sup>	<i>PT</i>	[ˈpe.ˈte] >> nepetismo

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir o artigo, é importante ressaltar que, embora a maior parte da literatura na área não descreva satisfatoriamente a siglagem enquanto processo de formação de palavras, propostas como as de Plag (2003) e Fandrych (2008) mostram que se trata de um fenômeno passível de sistematização.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, K. N. M. de. Um estudo sobre as siglas do português do Brasil. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ/ Programa de PósGraduação em Linguística, 2009.
- ARONOFF, M. Word formation in generative grammar. Cambridge; Massachusetts: MIT Press, 1976.
- ARONOFF, M.; ANSHEN, F. Morphology and the lexicon. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. (Eds.). The handbook of morphology. Oxford: Blackwell, 1998, p. 235-247.
- ARONOFF, M.; FUDEMAN, K. What is morphology? Oxford: Blackwell, 2005.
- BAUER, L. Introducing linguistic morphology. Washington DC: Georgetown University Press, 2003.
- BOOIJ, G. The grammar of words. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- FANDRYCH, I. Submorphemic elements in the formation of Acronyms, Blends and Clippings. Lexis – E-Journal in English Lexicology 2: Submorphemics, 2008.
- FANDRYCH, I. Non-Morphematic word-formation processes: a multi-level approach to Acronyms, Blends, Clippings and Onomatopoeia. Unpublished PhD Thesis, University of the Free State, Bloemfontein, 2004.

<sup>5</sup> *CUT*: Central Única de Trabalhadores; *Uerj*: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; *Iurd*: Igreja Universal do Reino de Deus.

<sup>6</sup> Partido Democrático Trabalhista.

<sup>7</sup> O neologismo *iurdibriar* foi criado para expressar o significado de que a *Iurd*, por meio de seus pastores, pode ludibriar seus fiéis.

## A siglagem na teoria morfológica contemporânea

HASPELMATH, M. Understanding Morphology. Oxford: Oxford University Press, 2002.

PLAG, I. Word-formation in English. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ŠTEKAUER, P. An Onomasiological Theory of English word-formation. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1998.

STOCKWELL, R. & MINKOVA, D. English Words: History and Structure. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

### ACRONYM IN CONTEMPORARY MORPHOLOGICAL THEORY

**Abstract:** *This paper aims to show that the study of acronym is gaining prominence in contemporary morphological theory. As will be discussed in two sections that compose the text, acronyms, although are still considered irregular and non-systematic by some authors, are also described as regular and predictable in accordance with approaches that do not rely exclusively on the concept morpheme.*

**Keywords:** *Morphology; Acronym; Word-formation.*